ADAPTAÇÕES SENSORIAIS NO AMBIENTE DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA CRIANÇAS COM TEA E TDAH

ERIKA NUNES LIMA FALOPA

RESUMO

O presente artigo analisa de forma aprofundada as adaptações sensoriais no ambiente da Educação Infantil voltadas às crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), integrando aportes teóricos e práticos provenientes de pesquisas nacionais e internacionais. Considera-se que a qualidade das experiências sensoriais oferecidas nas instituições de ensino influencia diretamente o desenvolvimento global, a autorregulação emocional e a participação ativa dessas crianças nas rotinas escolares. O estudo estrutura-se em cinco eixos temáticos interdependentes: (1) a compreensão do processamento sensorial na infância; (2) as sensibilidades e necessidades específicas associadas ao TEA e ao TDAH; (3) as adaptações físicas e materiais do ambiente educativo que potencializam o conforto e a concentração; (4) as estratégias pedagógicas mediadas pela modulação sensorial, que ampliam o engajamento e a aprendizagem; e (5) a articulação entre família, escola e equipe multiprofissional, fundamental para a construção de práticas inclusivas consistentes. A investigação busca evidenciar que um ambiente sensorialmente planejado, pautado em princípios de acessibilidade e equidade, é elemento essencial para o exercício pleno da inclusão. As reflexões finais apontam para os desafios contemporâneos da prática docente, destacando a importância da formação continuada, da escuta sensível e do planejamento intencional como pilares para o fortalecimento de políticas públicas voltadas à educação inclusiva e sensorialmente responsiva.

PALAVRAS-CHAVE: Educação infantil; Adaptações sensoriais; Neurodiversidade.

ABSTRACT

This article provides an in-depth analysis of sensory adaptations in early childhood education environments for children with Autism Spectrum Disorder (ASD) and Attention Deficit Hyperactivity Disorder (ADHD), integrating theoretical and practical contributions from national and international research. It considers that the quality of sensory experiences offered in educational institutions directly influences the overall development, emotional self-regulation, and active participation of these children in school routines. The study is structured around five interdependent thematic axes: (1) understanding sensory processing in childhood; (2) the specific sensitivities and needs associated with ASD and ADHD; (3) the physical and material adaptations of the educational environment that enhance comfort and concentration; (4) the pedagogical strategies mediated by sensory modulation, which broaden engagement and learning; and (5) the articulation between family, school and multidisciplinary team, fundamental for the construction of consistent inclusive practices. The investigation shows that a sensorially planned environment, based on principles of accessibility and equity, is an essential element for the full exercise of inclusion. The final reflections point to the contemporary challenges of teaching practice, highlighting the importance of continuing education, sensitive listening and intentional planning as pillars for strengthening public policies aimed at inclusive and sensorially responsive education.

KEY-WORDS: Early childhood education; Sensory adaptations; Neurodiversity.

INTRODUÇÃO

Na Educação Infantil, o ambiente pedagógico constitui-se como um espaço formativo essencial, no qual as experiências sensoriais, cognitivas, emocionais e sociais se entrelaçam para sustentar o desenvolvimento integral das crianças. É nesse espaço que se consolidam as primeiras vivências de autonomia, socialização e expressão simbólica, dimensões fundamentais para a construção da identidade e da aprendizagem significativa. Entretanto, quando se trata de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), emergem demandas específi-

cas que exigem um olhar pedagógico atento às peculiaridades do processamento sensorial, à forma singular como cada criança percebe, reage e interage com o ambiente. Conforme defende Mantoan (2015, p. 23), o compromisso com a inclusão pressupõe "rever práticas, reformular espaços e transformar concepções sobre o aprender", uma vez que a verdadeira inclusão não se limita ao acesso, mas se concretiza no pertencimento e na participação ativa de todos os sujeitos no processo educativo.

As pesquisas em neurociência e psicologia do desenvolvimento têm demonstrado que o processamento sensorial exerce papel determinante na capacidade de atenção, autorregulação emocional e interação social. Crianças com TEA frequentemente apresentam hipersensibilidade ou hipossensibilidade a estímulos visuais, auditivos, táteis ou olfativos, o que pode gerar sobrecarga sensorial e dificuldades de adaptação ao cotidiano escolar. O ambiente físico e simbólico das instituições de ensino deve ser intencionalmente planejado, de modo a oferecer segurança, previsibilidade e conforto sensorial, elementos indispensáveis para o engajamento nas atividades. De modo análogo, as crianças com TDAH, embora apresentem outro perfil neurofuncional, também manifestam desafios relacionados à modulação sensorial e à regulação da atenção, o que impacta diretamente o comportamento, a concentração e a persistência em tarefas (Dias; Dias, 2024, p. 4932).

No contexto brasileiro, a discussão sobre adaptações sensoriais e inclusão ainda se encontra em processo de consolidação, demandando maior articulação entre teoria e prática pedagógica. Reis; Ferreira e Rocha (2021, p. 57) ressaltam que reconhecer a singularidade da criança "não pela falta, mas pela potência e pela possibilidade de construir caminhos adaptativos" é um passo fundamental para o avanço de práticas inclusivas que valorizem a diversidade neurológica. Essa concepção alinha-se à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que propõe uma educação centrada na equidade e na garantia de condições de aprendizagem a todos os estudantes, respeitando ritmos, estilos e modos de perceber o mundo (BRASIL, 2018).

A partir dessa perspectiva, a adaptação do ambiente educativo — seja nos aspectos físicos, materiais ou metodológicos — torna-se uma estratégia pedagógica de transformação, ampliando as oportunidades de participação das crianças neurodivergentes nas experiências escolares.

Este artigo propõe, portanto, analisar e discutir estratégias de adaptação sensorial no contexto da Educação Infantil, considerando a complexidade do TEA e do TDAH e suas implicações no cotidiano escolar. Busca-se integrar referências de autores brasileiros e internacionais, evidenciando o diálogo entre a teoria e a prática pedagógica. O texto organiza-se em cinco eixos interdependentes: o primeiro aborda os fundamentos do processamento sensorial; o segundo, as características sensoriais associadas ao TEA e ao TDAH; o terceiro, as possibilidades de adaptação do ambiente físico e dos materiais pedagógicos; o quarto, as práticas educativas voltadas à modulação sensorial; e o quinto, a articulação entre família, escola e equipe multiprofissional. Ao final, as considerações se voltam para a reflexão crítica sobre a formação docente, os desafios da implementação de políticas inclusivas e a importância de uma pedagogia sensorialmente responsiva, que reconheça a diversidade como valor e condição para o desenvolvimento humano pleno.

PROCESSAMENTO SENSORIAL E IMPLICAÇÕES NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

O processamento sensorial consiste no modo como o sistema nervoso central recebe, organiza, interpreta e responde aos estímulos provenientes dos diversos sistemas sensoriais — visual, auditivo, tátil, vestibular, proprioceptivo e interoceptivo. Essa função neurológica é responsável por permitir que o indivíduo estabeleça uma relação equilibrada com o meio, regulando suas reações e ajustando suas respostas comportamentais. Na primeira infância, etapa em que a Educação Infantil se constitui como espaço primordial de descobertas e interação, a integração sensorial assume papel decisivo para o desenvolvimento global. Conforme destaca Ayres (1972, p. 11), pioneira na teoria da integração sensorial, o cérebro organiza as

sensações corporais para produzir respostas adaptativas, essenciais à aprendizagem e à socialização. Quando esse processamento se dá de forma atípica, como ocorre em muitas crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) ou Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), podem surgir dificuldades de atenção, autorregulação e comportamento, o que interfere significativamente nas experiências escolares.

Pesquisas indicam que alterações no processamento sensorial influenciam diretamente a participação e o engajamento das crianças nas atividades educativas. No caso de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), a percepção sensorial diferenciada faz com que sons, luzes e texturas do ambiente cotidiano sejam percebidos de forma intensa ou, ao contrário, quase imperceptível. Essas diferenças podem gerar reações de desconforto, esquiva ou hiperfoco, dificultando o estabelecimento de vínculos sociais e a adaptação às rotinas escolares. Observa-se ainda que respostas de hipersensibilidade ou hipossensibilidade sensorial exigem ajustes no espaço escolar, como na iluminação, organização do mobiliário e disposição das áreas de atividade, com o objetivo de reduzir o estresse sensorial e favorecer maior concentração, bem-estar e engajamento das crianças.

Durante os primeiros anos de escolarização, o equilíbrio entre estímulo e regulação sensorial é fundamental para a aprendizagem significativa. Mattos (2019, p. 91) explicam que a modulação sensorial adequada cria um ambiente de previsibilidade e segurança, permitindo que a criança explore o espaço de forma autônoma e prazerosa. Quando essa modulação é comprometida, surgem respostas extremas: a criança pode evitar estímulos (hipersensibilidade) ou buscá-los excessivamente (hipossensibilidade), o que afeta a atenção, a comunicação e a interação social. Essa relação é particularmente relevante na Educação Infantil, em que o corpo, o movimento e a experiência sensorial são as principais vias de aprendizagem. Assim, compreender os mecanismos sensoriais torna-se tarefa pedagógica e não apenas clínica, pois é na escola que se deve garantir ambientes acessíveis e responsivos às diferenças neurológicas.

No caso do TDAH, embora historicamente o foco recaia sobre aspectos comportamentais e atencionais, estudos mais recentes evidenciam a existência de alterações na modulação sensorial que repercutem diretamente no desenvolvimento motor e na atenção sustentada. Dias e Dias (2024, p. 4933) indicam que crianças com TDAH apresentam "dificuldades no processamento sensorial e na modulação sensorial (...) que interferem no desenvolvimento motor, na atenção sustentada e no comportamento adaptativo". Ambientes escolares com excesso de estímulos — ruídos, luzes intensas, transições rápidas e ausência de rotina estruturada — podem acentuar tais dificuldades, levando à desorganização e ao esgotamento atencional. Por outro lado, um ambiente planejado para reduzir distrações e oferecer pausas sensoriais contribui significativamente para o aumento da concentração e para a diminuição de comportamentos impulsivos, evidenciando a importância de estratégias ambientais como aliadas do trabalho docente.

Dessa forma, a adaptação do ambiente educativo deve ser compreendida como componente essencial e não suplementar do processo de inclusão. Reis; Ferreira e Rocha (2021, p. 62) afirmam que "a configuração do espaço — acústica, visual e tátil — pode agravar ou mitigar as dificuldades sensoriais, interferindo diretamente no desempenho e na socialização da criança". Esse entendimento desloca o foco da deficiência individual para o contexto pedagógico, propondo que as barreiras não residem apenas nas condições biológicas da criança, mas nas limitações estruturais do ambiente escolar. Assim, cabe à escola promover uma organização sensorialmente acolhedora, com estímulos ajustados, rotinas previsíveis, materiais adequados e uma escuta pedagógica sensível às necessidades de cada aluno.

Em síntese, compreender o funcionamento sensorial na infância e suas implicações para crianças com TEA e TDAH é um passo indispensável para a construção de práticas educativas inclusivas e efetivas. O conhecimento sobre as particularidades do processamento sensorial permite ao professor planejar experiências que respeitem o ritmo e o modo

de sentir de cada criança, assegurando condições reais de aprendizagem e bem-estar. Esse entendimento sustenta os tópicos seguintes, que abordarão as sensibilidades específicas desses transtornos, as adaptações físicas e materiais do ambiente, as práticas pedagógicas mediadas pela modulação sensorial e a articulação colaborativa entre família, escola e equipe multidisciplinar.

SENSIBILIDADES SENSORIAIS EM TEA E TDAH: CARACTERIZAÇÃO E REPERCUSSÕES ESCOLARES

No contexto do Transtorno do Espectro Autista (TEA), a literatura brasileira tem enfatizado a complexidade das respostas sensoriais e suas implicações na rotina escolar. Alterações em modalidades como a auditiva, tátil, visual, vestibular e proprioceptiva afetam diretamente a forma como a criança percebe e reage ao ambiente (MATTOS, 2019, p. 89). Essas alterações podem se manifestar como hipersensibilidade, em que o indivíduo reage de forma exacerbada a sons, luzes ou texturas sutis, ou hipossensibilidade, que implica uma necessidade de estímulos intensos para gerar resposta perceptiva adequada. Crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) frequentemente apresentam retraimento ou agitação durante atividades em grupo ou momentos de transição, como forma de se proteger diante da sobrecarga sensorial. Essa condição, longe de ser apenas um desafio clínico, evidencia a necessidade de reorganização pedagógica e ambiental, de modo que o espaço educativo atue como mediador do bem-estar da criança, em vez de se tornar uma fonte de estresse.

No caso do Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), embora o foco histórico da literatura recaia sobre a atenção e o controle de impulsos, pesquisas recentes apontam uma associação significativa entre TDAH e dificuldades de modulação sensorial (DIAS; DIAS, 2024, p. 4934). Carvalho (2022, p. 1175), em estudo sobre o uso de jardins sensoriais, destaca que ambientes com estímulos estruturados e previsíveis promovem melhor autorregulação e engajamento em tarefas escolares. Isso reforça que as dificuldades de atenção e comportamento, muitas vezes atribuídas a "falta de foco", podem ter origem em um sistema sensorial desorganizado, incapaz de filtrar adequadamente os estímulos do ambiente. Portanto, compreender essas inter-relações é essencial para repensar estratégias pedagógicas, evitando interpretações equivocadas sobre o desempenho ou a conduta das crianças neurodivergentes.

Entre as sensibilidades mais relatadas, a audiosensibilidade ocupa lugar central tanto no TEA quanto no TDAH. Em salas de aula com altos níveis de ruído de fundo, reverberações ou transições mal planejadas, há maior probabilidade de ocorrer desorganização sensorial (MATTOS, 2019, p. 90). Crianças podem reagir cobrindo os ouvidos, afastando-se do grupo ou apresentando crises de irritabilidade. Luria (2017) já alertava que a qualidade dos estímulos externos influencia diretamente a regulação cortical, afetando a atenção e a memória operacional — funções particularmente frágeis em indivíduos com TDAH. Assim, um ambiente acusticamente inadequado não é apenas desconfortável: ele compromete a aprendizagem, a comunicação e a estabilidade emocional da criança. No plano socioafetivo, tais reações frequentemente são mal interpretadas por professores e colegas como indisciplina, desinteresse ou timidez, o que pode gerar estigmatização e exclusão relacional. Reis; Ferreira e Rocha (2021, p. 75) argumentam que "a sensibilização da comunidade escolar para a diversidade sensorial é condição para uma cultura de aceitação e respeito". Essa perspectiva dialoga com as contribuições de Lev Vygotsky (1997), que defendia o papel do ambiente social na mediação das funções psicológicas superiores: quando o meio não reconhece as particularidades sensoriais, impede a mediação simbólica e restringe o desenvolvimento. Assim, a adaptação sensorial ultrapassa a dimensão técnica e assume caráter ético, configurando-se como parte do compromisso pedagógico com a equidade.

A diversidade dos perfis sensoriais das crianças exige avaliação individualizada e planejamento colaborativo. Cada criança apresenta uma combinação única de hipersensibilidades e hipossensibilidades, que se manifesta de forma dinâmica ao longo das rotinas es-

colares. Por isso, as intervenções devem ser flexíveis, adaptativas e interdisciplinares, contemplando a escuta atenta de professores, terapeutas ocupacionais e familiares. Essa abordagem integrada, fundamentada na observação contínua e na corresponsabilidade, constitui a base para as adaptações do ambiente físico e dos materiais pedagógicos, que serão exploradas na próxima seção.

ADAPTAÇÕES DO AMBIENTE FÍSICO E MATERIAIS PEDAGÓGICOS SENSORIAIS

A adaptação do ambiente físico na Educação Infantil constitui um eixo fundamental da inclusão sensorial, sobretudo para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). Nesses casos, o espaço precisa ser planejado não apenas como cenário de ensino, mas como mediador de experiências reguladoras. O controle acústico — reduzindo ruídos de ventiladores, ecos ou sons externos — e o cuidado com a iluminação — evitando lâmpadas fluorescentes intensas ou variações bruscas de luz — são medidas essenciais para evitar a sobrecarga sensorial. Mattos (2019, p. 90) aponta que ambientes com excesso de estímulos visuais e auditivos comprometem a permanência e o foco de crianças com TEA, tornando-as mais propensas à evasão das atividades coletivas. Além disso, delimitar zonas de estímulos reduzidos, com cores neutras e texturas suaves, ajuda a criar uma atmosfera de previsibilidade e conforto sensorial, favorecendo o engajamento.

Os materiais pedagógicos, por sua vez, devem oferecer múltiplas vias de acesso à informação, contemplando dimensões táteis, visuais e auditivas. Essa multiplicidade de estímulos controlados permite que cada criança encontre o canal sensorial mais adequado ao seu perfil, respeitando a diversidade neurológica. Professores que participaram de oficinas voltadas para a inclusão sensorial observaram resultados significativos ao adaptar materiais de baixo custo, como cartões de rotina com velcro, letras em lixa e painéis com diferentes texturas. Essas adaptações favoreceram maior engajamento e participação das crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), evidenciando que recursos pedagógicos simples, quando planejados de forma intencional, podem ampliar as oportunidades de aprendizagem e interação no ambiente escolar. Essa abordagem dialoga com as reflexões de Paulo Freire (1996), para quem o conhecimento se constrói na interação sensível e dialógica com o mundo. Assim, o material didático sensorial deixa de ser mero suporte e passa a integrar uma pedagogia da experiência, onde o aprender é, antes de tudo, sentir, perceber e agir.

Outro aspecto inovador e cada vez mais presente nas escolas é a criação de espaços de autorregulação — áreas destinadas à recuperação sensorial e emocional da criança. Tais ambientes funcionam como zonas de transição, nas quais o aluno pode se recolher brevemente diante da sobrecarga e, assim, reorganizar-se antes de retornar às atividades coletivas. Carvalho (2022, p. 1179) descreve experiências com jardins sensoriais voltados a alunos com TDAH, em que o contato com elementos naturais — folhas, água, pedras e texturas vegetais — promoveu melhora na atenção e redução de comportamentos impulsivos. Essa iniciativa reforça o princípio de que o ambiente adaptado não deve ser apenas preventivo, mas promotor de bem-estar e participação ativa, aproximando o conceito de inclusão das práticas concretas de acolhimento cotidiano.

A comunicação visual também se revela ferramenta poderosa no campo da adaptação sensorial. O uso de pictogramas, painéis de rotina, marcadores táteis e sinalizações visuais claras auxilia na antecipação de transições e reduz a ansiedade. Reis; Ferreira e Rocha (2021, p. 78) destacam que a previsibilidade é um dos fatores mais eficazes para diminuir comportamentos de esquiva e aumentar a participação de alunos neurodivergentes. Essa clareza visual dialoga com a pedagogia histórico-cultural de Vygotsky (1997), ao favorecer o andamento simbólico das ações e a autonomia da criança na gestão de suas próprias atividades. Ao compreender o que virá a seguir, o aluno torna-se sujeito do processo e não apenas receptor de comandos.

Entretanto, nenhuma adaptação é definitiva. As necessidades sensoriais são dinâmi-

cas e variam conforme o desenvolvimento, o humor, o contexto e as experiências de cada criança. Por isso, o processo deve ser avaliado continuamente e construído de forma colaborativa. As estratégias sensoriais precisam ser revisadas periodicamente, com ajustes contínuos de acordo com as respostas e necessidades de cada criança. Essa flexibilidade torna-se viável apenas quando há articulação efetiva entre professores, terapeutas ocupacionais e familiares, em um esforço conjunto de observação, escuta e planejamento colaborativo, garantindo que as intervenções se mantenham adequadas e eficazes ao longo do tempo. Conforme reforça Carvalho (2022, p. 1182), a inclusão sensorial "não é uma intervenção pontual, mas uma cultura pedagógica que reconhece o corpo, o som, o espaço e o afeto como dimensões indissociáveis do aprender". Assim, o ambiente torna-se um verdadeiro aliado da aprendizagem e da convivência, integrando forma, função e sensibilidade.

A PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E RELAÇÃO DOCENTE-ALUNO COM FOCO SENSORIAL

As práticas pedagógicas voltadas à inclusão sensorial exigem planejamento intencional, contínuo e reflexivo, que considere a singularidade dos modos de percepção e regulação de cada criança. Na Educação Infantil, a ação docente ultrapassa a simples aplicação de estratégias, envolvendo uma leitura sensível do corpo e do comportamento infantil. Nesse contexto, é fundamental que as práticas pedagógicas incorporem o diferencial sensorial como parte central do planejamento, e não apenas como um complemento eventual. Essa perspectiva desloca o olhar do professor da lógica da compensação para a lógica da potencialização das experiências, reconhecendo que a forma como os estímulos são organizados — considerando ritmo, sequência, intensidade e clareza — constitui um elemento pedagógico essencial para favorecer a aprendizagem, a participação e o bem-estar das crianças. Conforme Mantoan (2015, p. 32), o educador que se compromete com a inclusão precisa compreender que ensinar não é adaptar o aluno ao modelo escolar, mas transformar o modelo para acolher todas as formas de aprender e sentir.

O uso de tecnologias assistivas, suportes visuais e recursos multissensoriais amplia as vias de acesso à aprendizagem e fortalece a autonomia das crianças neurodivergentes. Painéis visuais de rotina, instruções pictográficas, cartões de transição e recursos auditivos de baixa distração possibilitam que alunos com TEA ou TDAH utilizem seus canais sensoriais preferenciais para compreender e participar das atividades. Em experiências pedagógicas, professores notaram um aumento significativo no engajamento e na interação social das crianças ao incorporar pictogramas e suportes táteis adaptados no ambiente de sala. Esses recursos favorecem a compreensão das atividades, promovem autonomia e permitem que cada criança acesse o conteúdo de acordo com suas preferências sensoriais, fortalecendo a participação e o vínculo social. Essa abordagem dialoga com a concepção freiriana de que o ato educativo é um ato de comunicação sensível e dialógica — a linguagem do corpo, do gesto e da imagem também ensina (FREIRE, 1996, p. 43). Dessa forma, a tecnologia assistiva não apenas facilita a compreensão, mas transforma o espaço pedagógico em um ambiente de mediação e escuta sensorial.

A mediação docente, nesse contexto, deve pautar-se pela observação atenta e responsiva às manifestações sensoriais das crianças. Pequenos sinais de desconforto, busca de estímulo ou desatenção prolongada podem indicar sobrecarga sensorial. O professor precisa, portanto, ajustar o ritmo das atividades, intercalar momentos de maior exigência com períodos de autorregulação e reorganização corporal. Reis; Ferreira e Rocha (2021, p. 97) destacam que "o docente atento ao perfil sensorial de cada criança pode intervir antes que a sobrecarga cause evasão participativa", ressaltando a importância da sensibilidade pedagógica como competência profissional.

As atividades estruturadas com foco sensorial podem ser incorporadas ao currículo de forma lúdica, promovendo simultaneamente o desenvolvimento motor, cognitivo e socioemocional. Mattos (2019, p. 90) observou que experiências com estímulos vestibulares leves, jogos de movimento e exploração tátil contribuíram para melhorar

o engajamento de crianças com TEA e TDAH em contextos inclusivos. O brincar sensorial, quando intencionalmente planejado, amplia a capacidade de atenção, a autorregulação e a expressão criativa. Essa proposta dialoga com a teoria histórico-cultural de Vygotsky (1997), que concebe o desenvolvimento infantil como processo social mediado por interações e instrumentos culturais. Assim, as práticas pedagógicas sensoriais tornam-se espaços de mediação entre o corpo, o outro e o conhecimento, fortalecendo vínculos e possibilitando novas formas de aprendizagem.

A construção de uma cultura escolar de aceitação e sensibilização sensorial é componente indispensável da inclusão. Isso implica envolver toda a comunidade escolar — professores, auxiliares, gestores, famílias e colegas de turma — em processos formativos e reflexivos. Quando o ambiente educacional reconhece e respeita as diferenças sensoriais, as crianças passam a se sentir pertencentes e seguras para explorar o mundo. O envolvimento dos colegas em estratégias sensoriais favorece o sentimento de pertencimento das crianças neurodivergentes, reforçando o papel do coletivo no processo de acolhimento. Essa dimensão ética da inclusão sensorial evidencia que a educação inclusiva verdadeira é relacional, sensível e compartilhada, fortalecendo o vínculo afetivo e pedagógico entre professor e aluno e promovendo um ambiente escolar mais empático e colaborativo.

ARTICULAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA-EQUIPE MULTIDISCIPLINAR E SUPORTE CONTÍNUO

A articulação entre família, escola e equipe multidisciplinar é um dos pilares da efetividade das adaptações sensoriais na Educação Infantil, especialmente no acompanhamento de crianças com TEA e TDAH. O diálogo constante entre professores, terapeutas ocupacionais, psicopedagogos e psicólogos possibilita a construção de um plano de apoio integrado, em que as práticas pedagógicas e terapêuticas se complementam de forma coerente. A troca contínua de informações entre família e escola sobre respostas sensoriais, estratégias eficazes e ajustes necessários constitui um mecanismo essencial para a continuidade e adaptação das intervenções. Essa comunicação assegura a manutenção dos progressos alcançados, permite a personalização das estratégias de acordo com as necessidades da criança e fortalece a colaboração entre os diferentes contextos em que ela se desenvolve.

A formação docente voltada às especificidades do neurodesenvolvimento e às demandas sensoriais é igualmente imprescindível. A capacitação docente em estratégias sensoriais é fundamental para a construção de práticas pedagógicas inclusivas, que considerem a diversidade sensorial como eixo central do planejamento. Essa formação deve ir além da compreensão teórica, incluindo vivências práticas de observação, análise de comportamentos e aplicação de recursos sensoriais adaptados. Dessa forma, o professor se torna mediador entre o ambiente, a criança e os demais profissionais de apoio, ajustando continuamente o espaço e as interações de acordo com as necessidades individuais, promovendo aprendizagem, participação e bem-estar.

A participação ativa da família no processo de adaptação sensorial é outro fator decisivo. Quando pais e responsáveis compreendem as particularidades do perfil sensorial da criança e incorporam estratégias semelhantes às da escola — como o uso de rotinas visuais, ambientes de autorregulação e objetos de apoio tátil —, ocorre uma continuidade entre os contextos de aprendizagem. Essa coerência entre lar e escola fortalece o senso de segurança emocional, promove a autorregulação e amplia a autonomia da criança, conforme evidenciado por Mattos (2019, p. 91), que associam a consistência das práticas sensoriais ao aumento do engajamento e da socialização.

Além disso, o acompanhamento sistemático do desenvolvimento sensorial e acadêmico deve ser entendido como prática institucional. Avaliações periódicas e revisões colaborativas entre professores e especialistas permitem detectar precocemente novas demandas e ajustar o planejamento. Mattos (2019, p. 90) ressalta que “protocolos institucionais de inclusão sensorial podem sistematizar práticas e gerar sustentabilidade no tempo”, indicando que a inclusão efetiva

requer estrutura organizacional e política educacional comprometida.

Dessa forma, a articulação entre política pública, formação docente, envolvimento familiar e suporte técnico compõe uma rede de sustentação que transcende intervenções pontuais, consolidando a inclusão sensorial como dimensão permanente da cultura escolar. Essa rede não apenas ampara o desenvolvimento integral das crianças neurodivergentes, mas também reconfigura a escola como espaço de acolhimento, diversidade e pertencimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A adaptação sensorial na Educação Infantil constitui um eixo essencial para a efetivação da inclusão e para o pleno desenvolvimento das crianças com TEA e TDAH. Ao integrar conhecimentos sobre o processamento sensorial e práticas pedagógicas ajustadas, é possível transformar o ambiente escolar em um espaço mais acolhedor, previsível e significativo. O planejamento cuidadoso do espaço físico, dos materiais e das interações permite que cada criança encontre condições adequadas para aprender, explorar e se expressar segundo suas particularidades, promovendo tanto o bem-estar quanto a autonomia.

Apesar dos avanços observados em diferentes contextos educativos, ainda existem desafios para consolidar práticas sensoriais como parte estruturante da rotina escolar. A falta de formação específica dos professores, a ausência de políticas institucionais que sistematizem as adaptações e a escassez de recursos materiais dificultam a continuidade das ações inclusivas. Torna-se urgente investir em formação docente permanente, em parcerias interdisciplinares e em pesquisas aplicadas que avaliem o impacto das intervenções sensoriais de forma mais ampla e duradoura.

A construção de uma cultura de aceitação e respeito às diferenças sensoriais é igualmente indispensável. Quando toda a comunidade escolar — professores, auxiliares, gestores, famílias e colegas — compreende as especificidades sensoriais das crianças, o ambiente educativo se torna mais empático e colaborativo. A inclusão sensorial, nesse sentido, não é apenas uma estratégia pedagógica, mas uma postura ética que reconhece a diversidade como valor e a equidade como princípio educativo.

É necessário compreender que a inclusão sensorial demanda uma abordagem sistêmica e integrada. A articulação entre escola, família e equipe multidisciplinar deve garantir continuidade, acompanhamento e ajustes permanentes, respeitando o ritmo e a trajetória de cada criança. Dessa forma, a Educação Infantil se consolida como um espaço de aprendizagem, convivência e pertencimento, no qual as diferenças são acolhidas e transformadas em potencialidades para o desenvolvimento humano e social.

REFERÊNCIAS

AYRES, A. Jean. Sensory integration and learning disorders. Los Angeles: Western Psychological Services, 1972. Disponível em: https://catalogue.nla.gov.au/Record/2116828. Acesso em: 17 out. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular: educação infantil e ensino fundamental. Brasília: MEC, 2017.

CARVALHO, Milena Amzalak de. O uso do jardim sensorial como ferramenta pedagógica na inclusão de alunos com TDAH. Revista Ibero Americana de Humanidades, Ciências e Educação, v. 8, n. 2, p. 1170 1191, 2022. DOI: 10.51891/rease.v8i2.4325. Disponível em: https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/4325. Acesso em: 18 out. 2025.

DIAS, Jean Rodrigo; DIAS, Edlaine Ronconi de Abreu. A Relação entre o desenvolvimento motor, TDAH e Modulação Sensorial na Fase Escolar. Revista Sociedade Científica, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 4930–4938, 2024. DOI: 10.61411/rsc202468517. Disponível em: https://journal.scientificsociety.net/index.php/sobre/article/view/685. Acesso em: 19 out. 2025.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LURIA, A. R. A construção da mente. São Paulo: Ícone, 2017.

MANTOAN, M. T. E. Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer? São Paulo: Moderna, 2015.

MATTOS, Jací Carnicelli. Alterações sensoriais no Transtorno do Espectro Autista (TEA):

implicações no desenvolvimento e na aprendizagem. Revista Psicopedagogia, v. 36, n. 109, p. 87 95, 2019. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0103-84862019000100009&script=sci_arttext. Acesso em 18 out. 2025.
RAMOS, Rossana. Inclusão na prática: Estratégias eficazes para a educação inclusiva. São Paulo: Summus Editorial, 2023.
REIS, Haydéa Maria Marino Sant'anna; FERREIRA, Márcia Vales; ROCHA, Patrícia Rodrigues. Experiências docentes na Educação Infantil e a inclusão escolar. Veranópolis (RS): Diálogo Freiriano, 2021.
VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1997.